

DIÁLOGOS ENTRE ARQUIVOLOGIA, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E HISTÓRIA: uma conversa possível

Camila Augusta Lima Alves¹
Maria Cristina Balbino Ribeiro Cabral²
Lígia Santos de Oliveira³

RESUMO: Propõe um estudo teórico que permeie os conceitos de Arquivologia, Ciência da Informação e História, no intuito de trazer para o campo de discussões da Arquivologia, duas outras disciplinas, a saber: a História e a Ciência da Informação. Disciplinas estas as quais nos últimos anos, torna-se recorrente nos debates acadêmicos, tendo em vista que os métodos e técnicas foram incorporados umas às outras numa verdadeira dinâmica interdisciplinar. Trata-se de uma pesquisa correlacional, pois relaciona distintas disciplinas, bem como bibliográfica com revisão de literatura, buscando promover um debate teórico a partir de uma relação interdisciplinar. Para isso explana as discussões da Ciência da Informação, em seguida da História, discute a ideia da Interdisciplinaridade. Por fim busca apresentar o diálogo entre esses três campos do conhecimento.

Palavras-chave: Arquivologia. História. Ciência da informação. Interdisciplinaridade.

DIALOGUE BETWEEN ARCHIVOLOGY, INFORMATION SCIENCE AND HISTORY: a conversation possible

ABSTRACT: It proposes a theoretical study that pervade the concepts of Archivology, Information Science and History, in order to bring the discussions Archivology field, two other disciplines, namely: History and Information Science. These disciplines which in recent years, it is recurrent in academic debates, given that the methods and techniques have been incorporated into each other in a true interdisciplinary dynamics. Even though it realizes that the Information Science has to appropriate much of the debates and speeches, especially of history, then the Archivology, aiming to form its epistemological scope. This is an eminently literature with literature review, seeking to promote a theoretical debate from an interdisciplinary relationship. For this explains the discussions of Information Science, then and History, discusses the idea of interdisciplinarity. Finally seeks to present the dialogue between these three fields of knowledge.

Keywords: Archivology. History. Information Science. Interdisciplinarity.

1 INTRODUÇÃO

As discussões que permeiam o campo da Arquivologia abrangem em sua maioria definições que dialogam com as concepções de armazenamento, recuperação e representação, contudo percebemos um âmbito teórico para além desta parte técnica.

¹ camila.augusta.alves@gmail.com

² Técnica em Arquivo da Universidade Federal de Pernambuco; Especialista em Patrimônio Histórico; mariacrisbalbi@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, Graduada em Arquivologia; ligiasoliver@gmail.com

Discussões que se coadunam com outros campos do conhecimento dentre eles a História e a Ciência da Informação. No que diz respeito à História, observa-se que ela vem exigindo aspectos práticos e técnicos da arquivista no contexto da conservação documental, que pode ser percebida, especialmente em Arquivos Históricos, onde a preocupação com a preservação da memória é um dos objetivos principais.

A ciência da informação foi alavancada com o surgimento e evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), bem como a sua interdisciplinaridade, buscando sempre atender às necessidades que foram geradas de acordo com os interesses do mercado, sociedade, ciência e tecnologia, os quais estão sempre em constante transformação. Para compreender a trajetória da Ciência da Informação e suas relações com outras áreas é necessário fazer uma análise, um levantamento do seu percurso histórico e evolutivo, bem como de suas características e pontos afins.

Vários são os significados que envolvem o conceito de arquivo, que vão desde um móvel para a guarda de documentos, até um conjunto, ou um local onde o acervo documental deverá ser conservado. Sendo um órgão receptor, tem seu público formado em especial pelos produtores do documento, pesquisadores e seus funcionários. Neste âmbito à arquivologia surge enquanto uma disciplina que visa a auxiliar as atividades inerentes ao arquivo, e a arquivística, por sua vez, dispõe os princípios e técnicas para a constituição, organização, desenvolvimento e utilização dos arquivos.

Percebendo similitudes entre essas três disciplinas é que pensamos neste artigo, ao qual cabe questionar: é possível manter um diálogo entre a história, a ciência da informação vistas sob uma ótica da arquivologia? Apresentando como principal objetivo: discutir teoricamente o escopo de três campos do conhecimento, visando identificar semelhanças entre eles que possam favorecer novas discussões dentro da arquivologia. E especificamente objetivamos: reunir percursos históricos e características das três disciplinas; ampliar os diálogos teóricos da arquivologia fazendo-a dialogar com outras áreas do conhecimento, como forma de ampliar o discurso teórico e prático da arquivística.

O estudo encontra-se assim estruturado: discussão sobre os enfoques da Arquivologia, seguido pela apresentação das ideias que vem sendo discutidas atualmente dentro do campo da Ciência da Informação. Logo após apresentaremos

algumas discussões sobre a História, não enquanto prática ou ofício do historiador, mas a partir da seleção de um conceito tratado dentro da história, conceito este que vem dialogando com a arquivologia ao longo dos anos: a memória. Expusemos de forma breve a noção da interdisciplinaridade, uma vez que quando os diálogos se tornam possíveis, as técnicas das disciplinas podem ser utilizadas umas pelas outras. Por fim apresentaremos as ideias disponibilizadas pela história e pela ciência da informação em comum com a arquivologia, tornando possível o diálogo entre as três.

2 A ARQUIVOLOGIA E SUA ABRANGÊNCIA

O que compreendemos por arquivo? O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 27) o define como,

Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte. Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos. Instalações onde funcionam arquivos. Móvel destinado à guarda de documentos.

Em sua acepção clássica a noção de que ele tem a função apenas, ou principal, de produção e acumulação dos documentos, advindo daí a preocupação intensa com a preservação e conservação de seu acervo. A preservação dos documentos influencia de modo direto a confiabilidade que seu uso pode inspirar, como se a verdade estivesse sendo preservada integralmente. Outra ideia seria o valor de prova ligado aos documentos, bem como a questão da autenticidade. Um documento é autêntico quando se conhece a sua proveniência, independentemente da veracidade do seu conteúdo. Assim, o documento pode ser falso, mas autêntico, na medida em que o seu órgão produtor é conhecido.

Entretanto faz-se relevante ampliar essas concepções clássicas que envolvem o contexto arquivístico, percebendo-o para além da concepção de instrumento de contenção do passado, visto como um lugar propício para o resgate ou construção de memórias coletivas ou individuais por meio da custódia de seus documentos. Pierre Nora (1993, p. 14) destaca que, embora a memória seja vivida no interior dos indivíduos, quase sempre ela necessita de suportes exteriores (materializada) e de referenciais tangíveis, surgindo daí a obsessão pelo arquivo e pela preservação do

presente e do passado. E por sua vez o documento arquivístico representa muito mais que um suporte, uma estrutura e um conteúdo. Implica a guarda, circunstância e a vontade de dar origem a um fato.

As contribuições do filósofo Jacques Derrida se deram em torno da ideia de originalidade e autenticidade que os arquivos preservam e da questão da conservação e seleção dos documentos. Derrida (1995) repensa a concepção de arquivo, dentro da própria terminologia da palavra.

Advinda da palavra *Arkhê*, designa tanto o *começo* quanto o *comando*. Significando que a palavra reúne e coordena ao mesmo tempo o lugar onde as coisas *começam* - seja a partir de causas físicas, naturais, ou de fatores históricos; e o lugar de *comando*: o princípio nomológico, princípio da lei que diz respeito ao lugar *onde* os homens e os deuses *comandam*. Dai atribui-lo ao lugar a partir do qual a *ordem* é dada, estabelecida e instituída (DERRIDA, 1995, p. 14-15).

Há aqui uma óbvia referência ao poder que, num plano histórico-social, encontra-se diretamente associado ao arquivo. Quando se refere ao princípio de comando que se encontra arquivado na palavra *arkhê*, Derrida (1995) traz a dupla vinculação entre lugar e autoridade: o lugar, diz, *onde* homens e deuses comandam, *onde* a ordem é instituída.

Mas além desta relação com o princípio de comando, a localidade se encontra relacionada também ao princípio de começo; princípio também que se encontra igualmente arquivado na palavra *arkhê*. Também ali, ao tratar da ideia de começo, quanto à localidade inerente a todo início; *ali*, diz ele, *onde* as coisas começam, o lugar *onde* as coisas têm início. (ESTRADA, 2010).

Em cada um dos dois princípios reunidos na palavra *arkhê* (começo e comando) há uma série de divisões e diferenciações, há uma *heterogeneidade* que atravessa desde sempre, cada momento semântico implicado na própria genealogia da palavra. É neste sentido que, para Derrida (1995 *apud* ESTRADA, 2010), nenhuma identidade é auto idêntica, justo porque toda identidade implica sempre, nela mesma, uma diferença, uma heterogeneidade. Então conceber o arquivo é distancia-lo de uma positividade já afirmada pois,

Apesar de todos os processos e técnicas de arquivamento, nada aparece enquanto tal, ou seja, nada aparece em sua verdade enquanto tal, em seu modo de ser enquanto tal, naquilo que é tal como é, em si mesmo e por si mesmo. Esta é a lei que, em outras palavras, significa precisamente isto: só há arquivo. Para dizer ainda o mesmo em outras palavras, *perde-se sempre o que se retém*; isto é próprio ao arquivo, mas, não nos esqueçamos, há tão somente arquivo (DERRIDA apud ESTRADA, 2010).

Do Arquivo surge a arquivologia. Compreendida por muitos autores como uma disciplina que tem o objetivo de auxiliar o tratamento dos arquivos, de acordo com Jardim (1998, p.03), seria a “disciplina que tem por objeto o conhecimento dos arquivos e da arquivística”. Já a Arquivística, é compreendida como o “princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos”. Ambas compõem o ofício do arquivista.

3 APRESENTANDO A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Desde sua denominação oficial enquanto Ciência da Informação na década de 1960 - a partir de eventos promovidos pelo *Georgia Institute of Technology*, nos Estados Unidos, percebemos a recorrência de uma questão frequente na literatura da área: a busca da identidade enquanto disciplina ou ciência. Muitas discussões são feitas entorno deste debate, até considera-se uma natureza interdisciplinar da CI, tendo em vista “que é possível uma disciplina utilizar para seus propósitos um instrumental e conhecimento próprios de outras disciplinas” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2001, p. 16).

São várias as discussões já realizadas em torno de seu escopo, abrangência, métodos e técnicas. A década de 1990, em especial, merece certo destaque, pois se seguiu uma “busca por melhor equacionar o seu campo de perguntas, posição disciplinar, objeto de estudo, teorias e métodos, numa perspectiva social e histórica” (MARTELETO, 2009, p. 20). Toda essa busca nos fez compreender que todos aqueles elementos dependerão dos “atores que os agenciam” (MARTELETO, 2009, p.32), bem como dos contextos e situações em que seus pesquisadores estiverem inseridos. Em nosso estudo consideraremos as estruturas dinâmicas das disciplinas, pois percebemos no diálogo com outras disciplinas as “mediações híbridas que caracterizam a constituição das ciências da informação” (MARTELETO, 2009, p. 21).

Quando falamos de hibridização referimo-nos à uniões, à entrelaçamentos que favorecem o nascimento de novas perspectivas. Haraway (2009), por exemplo, observa que em nossa vida moderna não mais existem entes puros, a ciência, a tecnologia, a natureza, o puramente social, a mecanização, nada disso mais existem, o que vemos agora a é eletrificação do humano e a humanização da máquina,

as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre pessoas e tecnologias que não é mais possível dizer onde acabamos e onde as máquinas começam. O mundo de Haraway é um mundo de redes entrelaçadas.

Outro autor que observa a existência das inter-relações e hibridizações é Bruno Latour (2012), para qual, propõe dizer que tanto os antropólogos, sociólogos, cientistas da informação, assim como os membros de uma realidade, estão inseridos em um coletivo, estão interligados e conectados. Sobretudo os elementos não-humanos, encontram-se também inseridos nesta rede de relações, pois, qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator.

Essas ideias não foram pensadas há pouco tempo, Gabriel Tarde (filósofo e sociólogo francês) no século XIX se queixou a Durkheim, sugerindo que ele abandonasse a tarefa de explicar a sociedade, através da causa e efeito. Tarde (*apud* LATOUR, 2012 p. 34) sustentava a ideia de que o “social não era um domínio especial da realidade, mas sim um princípio de conexões”, para ele não deve haver “motivo para separar o social de outras associações [...] ele considerava o social como um fluído circulante que devia ser seguido por novos métodos e não por tipos específicos”.

A hibridização referida pelos autores ocorre em especial entre o humano e o maquínico, contudo estendemo-la também para o campo das disciplinas, da mesma forma visualizamos a Ciência da Informação para além da definição de disciplina, concordamos que ela apresenta um caráter “heurístico, que não fica cega ao seu campo de visão, *assim* apreende o conjunto das vizinhanças, ligações e solidariedades que completam e renovam a configuração do seu objeto” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2003, p. 38, grifo nosso).

Tomando como exemplo o ser humano enquanto um ser ‘híbrido’, percebemos de acordo com Wagner que (2010, p. 213), “o que torna o homem tão interessante como

fenômeno é o fato de que ele [...] não é apenas carnívoro, nem apenas herbívoro, não é apenas malfeitor, ou benfeitor”, ele é todas as coisas é um híbrido. O homem é tantas coisas e, no entanto tudo o que ele é, ele também não é, pois sua mais constante natureza não é a de ser, mas a de devir.

Por conseguinte, baseado em Ingold (2010), percebemos os fluxos que constituem as malhas daquele “devir”, onde não apenas os humanos constituem as teias da malha, mas todos os elementos que habitam o mundo. Pois, habitar o mundo “é juntar-se ao processo de formação (...), não pode haver vida onde o céu e a terra não se misturam, pois um partilha a essência do outro” (INGOLD, 2010, p. 32).

No que diz respeito ao caráter interdisciplinar da CI, Pinheiro (2006, p.7) percebe esse nítido caráter, quando expõem os campos disciplinares que dialogam com ela,

Matemática, Lógica, Filosofia da Ciência, Gramática transformacional e Teoria Matemática da Comunicação e reconhecem que há conexão da Ciência da Informação com algumas áreas tradicionais, entre as quais Psicologia (Psicologia da informação), Sociologia (Sociologia da informação), Economia (Economia da informação), Ciência política (Política da informação) e tecnologia (Tecnologia da informação).

Saracevic (1999) justifica este caráter interdisciplinar da Ciência da Informação ao acreditar que as problematizações da disciplina não podem ser resolvidas por abordagens de uma única disciplina. Assim à luz dos entendimentos passamos a considerar interdisciplinaridade como o

método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si, esta interação pode ir da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa (PINHEIRO 2006, p. 3 *apud* JAPIASSÚ; MARCONDES, 1991).

Desta forma González de Gomez (2003, p. 38) nos traz que

a produção de conhecimento disciplinar adquire vitalidade num movimento de fechamento e abertura, se não houvesse seus momentos de delimitação e focalização de um domínio, os conhecimentos ficariam ‘fluidificados, vagos’. Mas também se não se mantivesse dentro de uma rede de relações solidárias com outras abordagens

disciplinares, correria o risco de coisificação, sujeito a sua permanente repetição e cópia.

Então como produto da atividade humana (seus pesquisadores, professores, instituições) creditamos à Ciência da Informação, àquele caráter de conhecimento disciplinar, citado por Gonzalez de Gomez, pois se não houvesse os movimentos de fechamentos e aberturas e os constantes diálogos e interações, ela ou permaneceria ‘vaga’ ou cairia na ‘coisificação’.

4 ALGUMAS ABORDAGENS APRESENTADAS PELA HISTÓRIA

Quando nos remetemos à ideia do que vem a compor o campo de conhecimento da História em suas dinâmicas e abordagens, remete-se logo o pensamento à noção de passado. Contudo cabe vislumbrar alguns outros aspectos aliados à concepção de “passado”, que também vem a compor o escopo da História. O passado é intrinsecamente condicionado por percepções subjetivas, porém, não imune ao contexto na qual está inserido, ele é de fato, como bem lembra Halbwachs (1990), “um ponto de vista sobre a memória coletiva” (p.51).

A memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. (HALBWACHS, 2006, p. 12).

Memória é *registro informativo*, assim, como discutido inicialmente, ela é limitada e suscetível às transformações, o que fomenta a busca por recursos que a mantenha armazenada e que possibilite sua recuperação, como bem reflete Capurro e Hjolarland (2007). Conservá-la é de forma contínua evocar conhecimento, em um processo de *profundas atualizações*.

Trazendo um pouco da ideia de memória tratada por Bergson, percebemos que o autor procura determinar a relação entre espírito e matéria sobre um exemplo preciso, o da memória. (BERGSON, 1999, p. 01). A matéria, para ele, é um conjunto de

‘imagens’. E por ‘imagem’ entendemos certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa - uma existência situada a meio caminho entre a ‘coisa’ e a ‘representação’.

De acordo com o autor a matéria pode ser compreendida como o conjunto das imagens, e de percepção da matéria, essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de certa imagem determinada, meu corpo. Aqui o corpo tem papel fundamental, pois segundo Bergson (1999, p.12) há uma imagem que “prevalece sobre as demais na medida em que a conheço não apenas de fora, mediante percepções, mas também de dentro, mediante afecções: é meu corpo.” Essa importância é dada uma vez que o papel da imagem que chamo meu corpo é exercer sobre outras imagens uma influência real, e consequentemente decidir-se entre vários procedimentos materialmente possíveis. Destarte observamos as imagens, ou no nosso caso as informações, à nossa volta quando nos aproximamos ou nos afastamos do nosso objeto.

Para Ferreira e Amaral (2004, p.139), “Falar de memória é falar de uma certa estrutura de arquivamento que nos permite experiências socialmente significativas do passado, do nosso presente e de nossa percepção do futuro.” Sobretudo para Huyssen (2000, p. 24) , se a memória é história, e se todo passado pode acabar talvez estejamos criando nossas próprias ilusões de passado, na medida em que somos marcados por um presente. Sendo assim acreditamos que o ‘passado’ não pode ser ‘resgatado’ uma vez que ele é constantemente resignificado por atores e agentes que vivem sua época e seu ‘presente’.

Dessa forma, depreende-se que o seu ponto de partida são as “funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). Ou seja está intrinsecamente condicionada por percepções subjetivas, porém, não imune ao contexto na qual está inserida. Se compreendermos a Memória como um *registro informativo*, fomentamos a busca por recursos que a mantenha armazenada e que possibilite sua recuperação.

É preciso levar em conta que “perceber” acaba não sendo mais do que uma ocasião de lembrar, esse lembrar está ligado a um passado próximo ou distante, possibilitando re-visualizações do presente. Ou conforme salienta Bergson (1999, p.69) que na prática medimos o grau de realidade com o grau de utilidade, que temos todo o

interesse, enfim, em erigir em simples signos do real essas intuições imediatas que coincidem, no fundo, com a própria realidade.

5 INTERDISCIPLINARIDADE

Sabe-se que a tendência secular é de disciplinaridade, tendo em vista que ela vem refletir a prática conceitual e social dominante. Aprendemos a partir da disciplinaridade, e com ela conseguimos ter um crescente domínio sobre a natureza e a sociedade, é o modo dominante de exercer o poder através da ciência. Contudo percebe-se que novos usos desta disciplinaridade vêm se intensificando desde a segunda metade do século XX. Nos dias atuais o fazer científico vem passando por um processo de negação da disciplinaridade, de atenuação e inversão da sua lógica, mas que nem por isso deixa de tomar como referência essa mesma disciplinaridade: é então que interdisciplinaridade passa a tomar corpo.

E então assim “a palavra entrou no vocabulário da investigação científica e dos novos modelos de comunicação entre pares” (POMBO, 2003, p.2). A interdisciplinaridade não é nova como muitos pensam, contudo ainda é desconhecida e confundida por muitos com a transdisciplinaridade e multidisciplinaridade. São três grandes universos de sentido visto como uma espécie de *continuum*, atravessado por algo, que em seu seio vai se desenvolvendo, indo desde à coordenação à combinação e desta à fusão. (POMBO, 2003, p. 3). Japiassú e Marcondes (1991 *apud* PINHEIRO, 2006, p. 03) definem interdisciplinaridade como:

Método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si, esta interação podendo ir das simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa.

Para Japiassú (1976, p. 54) “A interdisciplinaridade se afirma como reflexão epistemológica sobre a divisão do saber em disciplinas para extrair suas relações de interdependência e de conexões recíprocas”. E afirma que a interdisciplinaridade tem dupla origem:

uma interna, tendo por característica essencial o remanejamento geral do sistema das ciências, que acompanha seu progresso e sua organização; outra externa, caracterizando-se pela mobilização cada

vez mais extensa dos saberes convergindo em vista da ação.
(JAPIASSÚ, 1976, p.44).

Pode-se entender então, que a interdisciplinaridade é o eixo integrador onde as disciplinas são trabalhadas através de uma interligação, com o mesmo objetivo e interesse, entre várias áreas do conhecimento. De acordo com Carlos (2007) a interdisciplinaridade representa o terceiro nível de interação entre as disciplinas, sendo o primeiro nível a Multidisciplinaridade e o segundo a Pluridisciplinaridade, existindo ainda o quarto nível, a Transdisciplinaridade, na interdisciplinaridade existe a cooperação e a comunicação entre as disciplinas do conhecimento, se tratando de uma ação coordenada.

A Interdisciplinaridade se divide em cinco tipos, são eles: interdisciplinaridade heterogênea, pseudo-interdisciplinaridade, interdisciplinaridade auxiliar, compósita e unificadora. (JAPIASSÚ, 1976; CARLOS, 2007).

Carlos (2007) explana que a Interdisciplinaridade heterogênea tem como característica o enciclopedismo, onde existe uma gama de informações referente a várias disciplinas; a pseudo-interdisciplinaridade tem como característica o nexo de união estabelecido em torno de uma espécie de “meta-disciplina”, nesse caso existe uma estrutura de união, normalmente um modelo teórico ou um marco conceitual, aplicado para trabalhar em disciplinas muito diferentes entre si. Já a interdisciplinaridade auxiliar se caracteriza por tomar emprestados o método ou procedimentos de outra disciplina.

A Interdisciplinaridade compósita caracteriza-se por ser trabalhada de fato quando ocorrem problemas sociais como a guerra e a fome, onde tenta reunir diversas especialidades para buscar soluções (CARLOS, 2007).

E a Interdisciplinaridade unificadora se caracteriza por integrar domínios das disciplinas, ou seja, existe a integração da teoria e dos métodos, esse tipo foi considerado por Japiassú (1976) a forma legítima da interdisciplinaridade. Sendo esse o tipo de interdisciplinaridade que mais se identifica na relação entre a Arquivologia, a Ciência da informação e a História.

Como excepcionalmente afirma Pombo (2003, p.21),

Já tivemos que alargar o conceito de ciência, já tivemos que passar de uma ciência que era predominantemente analítica para uma ciência

que, atenta às novas complexidades que constantemente descobre e inventa, procede cada vez mais de forma transversal. Temos de perceber que estamos num mundo em que os muros foram derrubados (embora outros estejam a ser erguidos, a queda do muro de Berlim é um acontecimento de inesgotável sentido simbólico). Estamos num mundo de anulação e de mistura de fronteiras.

Não pode haver interdisciplinaridade sem junção e articulação de disciplinas diferentes, sem mudança de um modo de pensar, sentir e agir que têm na sua gênese as disciplinas científicas. Uma ciência aproveita as descobertas de outras ciências e, de alguma forma, integra-as ao seu objeto científico. Há uma importação de conceitos, uma importação de problemáticas, uma importação de metodologias. A aproximação entre diversas ciências que se interceptam podem, assim, contribuir para a construção de um novo objeto científico, ou de uma nova ciência.

6 DIÁLOGOS ENTRE TRÊS CAMPOS DE CONHECIMENTO

Chegamos agora ao propósito deste estudo, ou seja, partimos para a relação da ciência da informação e da história com a arquivologia. Buscaremos trazer para o campo de análise a forma como aqueles campos do conhecimento corroboram com a arquivologia enquanto prática e teoria.

O escopo da CI vem ganhando discussões ao longo dos anos, ela permite um grande leque de estudo, tendo em vista que tudo gira em torno da informação. Então como acredita Barreto (2002) a condição da informação é harmonizar o mundo. A informação como elemento organizador, referencia o homem em sua capacidade de relacionar-se com outros sujeitos, interferindo assim no espaço aos quais estão inseridos. O dado como matéria-prima da informação, caracteriza-se como a condição da informação e a informação como condição constitutiva do conhecimento e de sua validade, de modo que as condições da informação dependem numa primeira instância da constituição do dado, e não de sua decodificação, e aferimento pelo conhecimento. Tudo pode ser portador de informação, de acordo com González de Gómez (1990), a informação apresenta uma singularidade que especifica o que é informação para cada agente (individual ou coletivo), destacando, assim, os diferenciais da informação. Sendo a Ciência da Informação “a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima”

(BORKO, 1968, p.01), e tendo a arquivologia a função da otimização da informação registrada, fica nítida a relação entre ambas.

A História também pode se relacionar com a arquivologia através da Memória. A memória é operacional, participando tanto da estocagem da informação quando de seu tratamento. A utilização de verdadeiros suportes de conteúdos é uma ferramenta que repara o esquecimento, o que se chama de “artificial”. Há uma compreensão de que a mesma seja atemporal e peremptória. A digitalização expande as noções da oralidade e escrita como meios rememorativos, cujas intencionalidades apenas enxerga a memória para seguinte recuperação e uso. A memória em tempos de visíveis avanços nas tecnologias de informação engendra um novo olhar, onde a partir das novas tecnologias contribuem para que a memória torne-se disponível em um suporte que possibilite um acesso mais ágil.

E as três relacionam-se entre si a partir do momento em que se tem a intenção de preservação da memória, com o intuito da organização, do tratamento, visando a disseminação da informação, registrada em suportes especiais ou especializados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arquivista em sua prática profissional depara-se diariamente com conjuntos documentais produzidos e acumulados nas atividades da instituição a qual faz parte. Nesta lida nem sempre percebe para além dos métodos e técnicos que disciplinam a arquivologia. Por isso a interdisciplinaridade surge como uma aliada à percepção de entrelaçamentos que favorecem o nascimento de novas perspectivas. A Ciência da Informação que tem como objetivo o estudo da informação como elemento organizador, referenciando o homem em sua capacidade de relacionar-se com outros sujeitos, interferindo assim no espaço aos quais estão inseridos. E a História ao tratar da memória, trata do *espaço- tempo* e do *espaço-geográfico*. A preservação de determinados espaços são exemplos notórios da busca de recordar os costumes passados, assim é possível conhecer um grupo tendo como plano de fundo, a informação registrada em documentos e re-contextualizada por atores humanos, protagonistas de suas próprias histórias. Ambas disciplinas podem contribuir com o dinamismo das práticas e teorias que envolvem a arquivologia.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila Araújo. Ciência da informação como integrador para as áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n.1, p. 173-189, jul./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/4744/5885>>. Acesso em: 14 Jun. 2016.
- ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- BARRETO, Aldo. A condição da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BORKO, Harold. Ciência da Informação; o que é isto? **American Documentation**, v. 19, n.1, p.3-5, jan., 1968. (Tradução livre).
- BROOKES, B. C. The foundations of information science. **Journal of Information Science**, Amsterdã, v. 2, n. 3/4, p. 125-133, 1980.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html> . Acesso em: 03 jun. 2016.
- CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 12 Jun. 2016.
- _____; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.
- CARLOS, Jairo Gonçalves. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio**: desafios e potencialidades. 2007. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais para um entendimento arquivístico comum na formação da memória em um mundo pós-moderno. **Revista de Estudo Históricas**, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Archive fever: a freudian impression**. Translate by Eric Prenowitz. Chicago-London: The University of Chicago Press, 1995.

DOMINGUES, Ivan. Em busca do método. In: _____. **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG/IEAT, 2004. p. 17-40.

ESTRADA, Paulo Cesar Duque. Jamais se renuncia ao Arquivo Notas sobre 'Mal de Arquivo' de Jacques Derrida. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517430201000020002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 nov/2015.

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**, v. 4, p.137-166, abr./2004.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ. Maria Nélida. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n.1, p. 5-18, jan./jun. 2001.

_____. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, 2003.

_____. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARAWAY, Donna, KUNZRU, Haru. TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JARDIM, José Maria. A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-1995). **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 3, Sept. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651998000300001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 Jun. 2016.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução a Teoria do Ator-Rede**. Salvador – Bauru: EDUFBA – EDUSC, 2012. (400 p.)

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARAÑON, Eduardo Ismael Murguía. Percepções e aproximações do documento na Historiografia, Documentação e Ciência da Informação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 42-53, jul./dez. 2011.

MARCIANO, João Luiz Pereira. Abordagens epistemológicas à Ciência da Informação: fenomenologia e hermenêutica. **Transinformação**, Campinas, v. 3, n. 18, p. 181-190, set./dez., 2006.

MARTELETO, Regina Maria. A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 14, número especial, p. 19, 2009.

NORA, Pierre (org). **Les lieux de mémoire**. Paris: Quarto Gallimard, 2008.

PESEZ, Jean-Marie. **História da cultura material**. In: LE GOFF, Jacques. A História Nova. Tradução Eduardo Brandão. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PIMENTA, Marcia Teresa da Rocha. O profissional da informação e as novas mediações no atendimento ao cliente. In.: CASTRO, César Augusto. **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: Múltiplos discursos. São Luiz: EDUFMA, 2002.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Campo interdisciplinar da ciência da informação: fronteiras remotas e recentes. **Investigación Bibliotecológica**. v.12, n.25, 1998. Disponível em: <<http://www.ojs.unam.mx/index.php/ibi/article/view/3884>>. Acesso em: 06 Jul 2014.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE. Porto, 2003. **Anais...** Porto, 2003. p. 1-29. Disponível em:http://www.uesc.br/cpa/artigos/epistemologia_interdisciplinaridade.pdf . Acesso em: 13 Jul. 2014.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/235/22>> . Acesso em: 13 Jul. 2014.

SHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos Modernos**: princípios e técnicas. Tradução de Nilza Teixeira Soares. 6ª edição. Rio de Janeiro Editora FGV.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução Marcela Coelho e Alexandre Morales. São Paulo: Editora Casac Naify, 2010.